

A expressão *Cracking Up* não tem uma tradução unívoca para o português, apesar de o termo *to crack* ter sido incorporado a nossa língua pela palavra *craque*, com o sentido nuclear de *quebrar* (por ex.: ato de quebrar-se com ruído ou o craque da bolsa de valores) e de *craqueamento* e *craqueio*, usados na indústria do petróleo, significando a decomposição química de hidrocarbonetos pesados em outros mais leves (vide Aurélio). Estes sentidos estão presentes na expressão utilizada, tanto enquanto *quebrar*, quanto *decompor*, como na noção tirada da literatura, utilizada por Bollas, de desconstrução. A justaposição do advérbio *up*, cujo sentido básico é para cima, e entre outros, o de trazer à presença e à existência, como em *turn up* (comparecer), além do de guardar, como em *put up*, e numa nuance temporal, como em *your time is up* (seu tempo acabou). Estas conotações estão incluídas no sentido da expressão usada pelo autor, já que, por exemplo, o sonho pode ser *cracked up*, através da associação livre. Trata-se de um processo de desconstrução, que permite que certos sentidos e experiências psíquicas venham à existência, numa passagem do intemporal para o temporal, sendo guardadas ou incorporadas ao modo de ser psíquico. Além destes, a expressão é utilizada no sentido de exaltar e louvar, presente no clima geral do livro, referido à criatividade e à liberdade individual, tal como no prazer da análise, possibilitada justamente pelo processo que está indicado pela expressão *cracking up*. O prazer da análise decorre da possibilidade da expressão de si, o que o autor chama de *idioma*. Para Bollas, a psicanálise deu ênfase excessiva à dor e ao sofrimento na análise, deixando de lado a dimensão prazerosa e criativa, o que dá um tom positivo a seu texto. O tom só não é positivo quando esta possibilidade de expressão de si

Idioma e forma na expressão de si

Resenha de Christopher Bollas, Cracking Up - The Work of the Unconscious Experience, Londres, Routledge, 1995, 264 p.

é impedida pelo trauma, pela morte psíquica, de que trata o capítulo 7, "A Estrutura do Mal". Salientar a positividade é muito importante do ponto de vista terapêutico, já que seu não reconhecimento pode levar à perda do prazer da análise e ao não reconhecimento dos lados mais positivos do psiquismo, que podem ter imensa implicação terapêutica.

O capítulo 8, "*Cracking Up*", que dá título ao livro, traz considerações sobre o humor e o cômico. A referência aí é "A Psicopatologia da Vida Quotidiana", onde "os atos parapráticos colocam cascas de banana no caminho do *self*, minando para sempre a arrogância do consciente" (p.222)¹. Neste contexto, o autor evoca a importância do papel de *bufão* desempenhado por Lacan, corporificação do inconsciente enquanto *outro* disruptivo, mais um nome para *cracking up*. Aliás, um uso comum do termo é também "*to crack a joke*", contar uma piada. Esta referência anedótica, seguida de um elogio ao senso de humor francês, servirá para cri-

ticar a forma um tanto soturna que a psicanálise adquiriu na atualidade, "com certeza na Inglaterra Protestante" (p.224). Obviamente, Bollas não desconhece as dores e os sofrimentos de uma análise, mas faz questão de apontar o outro lado da moeda, pelo qual o mero recurso à associação livre desconstrói o herói trágico. Existe, na sua opinião, uma estrutura cômica na psicanálise, que talvez corresponda ao lado mais profundo da própria existência. O fato de que o paciente possa chegar a ter prazer na comédia, independentemente de quanto tempo leve para chegar a isso, talvez seja um dos critérios de uma boa análise. Sabemos que as peças de Shakespeare mais tardias, e por muitos consideradas as mais profundas, são as comédias e não as tragédias.

O bobo da corte, ao divertir o rei contando piadas, fazendo jogos de palavras, atuando de modo inesperado e disruptivo, diz muitas vezes a verdade, para o rei e sua corte. Ele é, por assim dizer, autorizado a dizer a verdade sem perder a cabeça. É um pouco como o inconsciente. Trata-se do lado perigoso da comédia. Bollas indaga a respeito da origem deste lado perigoso, sendo levado a uma reflexão sobre uma área primordial e um

encontro com um objeto primordial. Está aí o lado surpreendente da sua hipótese, a de que "o bobo da corte talvez seja o nosso primeiro outro" (p.236). O autor sugere que observemos a interação mãe-bebê. As funções de *holding* e continência da mãe são as mais sublinhadas pela literatura psicanalítica. Mas basta observar essa relação, para percebermos a verdadeira caricatura que a mãe faz das características humanas, dando suspiros, fazendo caretas, arregalando os olhos, mexendo o corpo das mais variadas maneiras. Tudo isso, é claro, para estimular e alegrar o seu bebê. E essa *palhaçada materna* é apreciada pelo bebê? Depende, diz Bollas, do *timing* e do espaçamento. Pode ser um momento luminoso, mas pode ser também um tanto terrível, como aquele em que alguém nos fazia cócegas *até morrer!*

A situação de perigo é uma decorrência do desamparo do bebê, a prematuração (*Hilflosigkeit*), tão importante para Freud e para todo o pensar psicanalítico que se seguiu à consideração das origens. A situação de fragilidade primordial e do real traumático é transformada pelo *cracking up* materno, de si e do seu bebê. Talvez, diz Bollas, "um senso de humor seja essencial para a sobrevivência humana" (p.243). Partimos, assim, da relação mãe-bebê, onde nosso autor se indaga a respeito da origem do sonho e da pró-

pria intrasubjetividade, através da participação intersubjetiva no teatro do outro. Mas o bebê não é, para Bollas, uma *tabula rasa*. Ele já vem ao mundo com uma particularidade própria, o núcleo do seu idioma, que tem suas origens nos condicionantes genéticos e, portanto, na natureza. As considerações deste último capítulo são também, conseqüentemente, uma reflexão sobre a passagem do estado de natureza para o de cultura. O teatro do outro é uma introdução do bebê no mundo simbólico. Durante um dos seus seminários em São Paulo, Bollas disse que tanto este livro, como o anterior, *Being a Character*, eram dedicados à questão da forma e do idioma, sendo este último entendido como inteligência da forma. Os modos pelos quais conseguimos dar forma à nossa existência e expressar nosso idioma (de cujas origens trata o capítulo 8), é o *leitmotiv* que atravessa todo o livro.

A interação mãe-bebê, ao permitir a constituição de uma psique ou de um mundo intrasubjetivo, onde as potencialidades inatas podem encontrar sua expressão, é também a condição de possibilidade da própria técnica analítica, permitindo a consideração anacrônica do infantil. Analista e analisando desenvolvem uma temporalidade peculiar, onde a complexa constituição de si, encontra um espaço de manifestação. Este processo é, desde as origens, marcado pela comunicação inconsciente. E Bollas, no capítulo 1 - "Comunicações do Inconsciente", procura levar a sério a afirmação de Freud, por ele citado, de que "é um fato notável que o inconsciente de um ser humano possa

reagir sobre o de outro, sem passar pelo consciente.² Para que isso seja possível, o analista, ao longo da sua formação contínua, vai desenvolvendo uma *forma mentis* que se torna cada vez mais plástica, atemporal e aberta às contradições, permitindo o surgir de uma *sensibilitas* para o inconsciente. É o que vai permitir "ao analisando colocar-se a si mesmo e a seus objetos no sonhar do analista, ... e usar o analista enquanto um importante participante de seu inconsciente ampliado" (p.15). Nesse processo, "ambos os participantes, de fato, desenvolvem o inconsciente, criando um teatro para o seu desenrolar, providenciando um espaço seguro para o desenvolvimento de suas peças e assim aumentando a sua eficácia no processo terapêutico" (p.16). A associação livre e a atenção *equiflutuante* permitem o surgimento desse interjogo inconsciente. Nesta perspectiva, a psicanálise do autor, visa não apenas seguir a máxima de Freud, de tornar o inconsciente consciente (*wo es war soll ich werden*), numa tradução/interpretação mais afeita aos psicólogos do ego, mas implica na "idéia de uma função do desenvolvimento e da comunicação inconsciente" (p.16).

O modo pelo qual se dá a comunicação inconsciente implica, para Bollas, numa estética da forma. E ele lamenta que esta questão não tenha recebido a devida atenção por parte de Freud e da tradição psicanalítica. Fica especialmente surpre-

so com o fato de Freud ter se recusado a criar uma teoria da forma inconsciente (p.41), concepção elaborada por Schiller, de quem Freud era leitor e admirador. Bollas cita as *Cartas* desse autor, onde ele distingue a personalidade do indivíduo (*Persönlichkeit*) ou *self* (*Selbst*) e sua condição (*Zustand*). A personalidade é uma forma determinante, entendida como a "predisposição a uma possível expressão de sua infinita natureza" (citação de Schiller, p.42). Logo a seguir, diz que esse ponto de vista corresponde à concepção que Winnicott viria a sustentar a respeito da noção do *verdadeiro self*. Para Schiller existe "um ímpeto para dar forma às nossas experiências vividas, uma pulsão da forma (*Formtrieb*)" (p.42). A existência de uma erótica da forma passa a ter uma enorme importância, já que mesmo as pulsões parciais, orais, anais e genitais, devem se submeter a essa erótica, para encontrar sua forma de expressão. Assim, "os impulsos sexuais não têm por finalidade a mera gratificação corporal, por mais importante que seja; do

meu ponto de vista, o desejo de povoar o mundo interno com excitações e objetos do desejo é igualmente significativa, e dá forma às pulsões componentes, que, por fim, expressam o movimento da personalidade total através do mundo objetual" (p.43).

O termo *idioma* é utilizado por Bollas para designar a maneira pela qual damos forma às nossas experiências vividas e que "inclui a comunicação inconsciente enquanto estética" (p.43). A escolha do termo deve-se não apenas à analogia com idioma enquanto língua, mas também ao fato de o termo incluir, na sua etimologia grega, *idio-ome*, a raiz *id*, que contém, como um de seus sentidos, o de forma. Vemos bem a influência da formação, do idioma, do próprio Bollas que, antes de ser psicanalista, foi professor de literatura. O Id, enquanto instância da segunda tópica de Freud, é para ele o fundamento do *self*. Entretanto, considera o conceito de Id sobredeterminado, ao incluir por um lado, o *caldeirão fervilhante*, uma dimensão pulsional caótica e por outro, o ego que dele se origina, interpretado como inteligência da forma. Para nosso autor, "Freud juntou forma e conteúdo numa confusão conceitual" (p.44). Esta colocação não parece muito justificável, já que não é muito fiel ao espírito de Freud. De qualquer modo, é útil para melhor esclarecer sua concepção de idioma. Para ele, Winnicott teria renomeado o Id como *verdadeiro self*, situando-o num lugar entre o Ego e o Id,

no modelo estrutural. Entretanto, nosso autor considera seu termo, idioma, mais preciso, "ao especificar a densa particularidade da personalidade" (idem). A expressão de nosso idioma "silenciosamente desenvolve aquele aspecto de um senso particular (*separate sense*) que pertence à estética de uma vida, mais do que aos conteúdos mentais específicos de nossa existência" (idem). Neste capítulo 2, "*A Separate Sense*", que traduzi por "Um Senso Particular", retoma a questão da positividade a que anteriormente aludi, ao apontar que a "urgência de exprimir o *self*, e portanto o *idioma* de si, deveria ser o meio essencial para a transformação da patologia em bem-estar" (p.46).

O idioma de si, nas experiências quotidianas, conduz a choques com os outros e as coisas, produzindo *intensidades psíquicas*, caracterizadas por "despertarem memórias, estados pulsionais e pensamentos vívidos" (p.48). São momentos de condensação que irão se transformar em pensamentos latentes, num processo, aproximado por Bollas, à idéia de Bion, de transformação de elementos beta (fatos não digeridos e sem significado) em elementos alfa (material mental armazenado para sonhos e pensamentos futuros). A condensação, comum à intensidade psíquica e ao sonho que dela deriva, será transformada, na análise, pelo trabalho associativo. Surge assim, um movimento dialético entre o trabalho inconsciente, que junta e condensa, e o da associação livre, que desconstrói ou disper-

sa. Esse processo de dispersão o autor denomina *disseminação*, que dá o título ao capítulo 3 "*Dissemination*". Trata-se de uma destruição criativa, que vai permitir a abertura do que é condensado em inúmeras camadas, através de múltiplas trilhas. A idéia de trilhas ou caminhos está muito próxima do que Freud, desde o *Projeto*, denominou caminhos associativos (*Bahnen*). Para o autor, é importante salientá-los para escaparmos aos fenômenos de fascinação, seja pela consciência, seja pela imagem. Muito próxima, na minha opinião, daquilo a que Férida se refere ao falar da desimaginação do sonho, que permite escapar da captura pela imagem. Dentro desta perspectiva, a teoria do sonho, em Freud, corresponde a uma teoria da experiência inconsciente. A possibilidade de viver essa experiência inconsciente e os correspondentes processos de disseminação, "reflete o desejo de elaborar o idioma de nosso ser" (p.68). Já a sua impossibilidade, devido a obsessões, preocupações e paixões que bloqueiam a disseminação, é tratada por Bollas no capítulo 4, "Preocupação até a morte" "*Preoccupation unto Death*".

O capítulo 6, "O que é esta coisa chamada *self*?" "*What Is This Thing Called Self?*", é um capítulo que engloba todos os

anteriores. O *self*, que proponho seja traduzido por *si mesmo*, é uma noção que, para Bollas, não deve ser confundida com representações de si, nem com relações objetais e nem mesmo com climas emocionais. Antes, é aquilo que possibilita expressões como essas. Trata-se de uma noção indefinível, mas que remete a "um senso de uma presença em nosso próprio ser, um senso de nosso próprio ser" (p.162). Também não se confunde com a noção de inconsciente, apesar de ser possível dizer que "a construção de um *self* é realizada por processos mentais inconscientes" (p.165). O autor, a seguir, adverte: "mas a teoria de Freud não se dirigiu a essa peculiar atmosfera de lugar que prevalece na vida inconsciente de qualquer pessoa – à sua estrutura e inteligência estética". Essa estrutura e inteligência estética referem-se, para ele, à forma e ao idioma, a um senso particular, a possibilidade de disseminação e as considerações sobre as funções da história Capítulo 5 - "*The Functions of History*", onde é salientada a transformação criativa do passado.

O texto de Bollas segue um caminho associativo em torno de certas idéias ou constelações de idéias. Essa característica torna problemática a sua precisão, no que tange a ordem das idéias. Entretanto, ela parece estar, num certo modo de apreensão do serdo-homem, que ao incorporar sua inteligência estética da forma, enquanto abertura para as suas infinitas possibilidades, na referência a Schiller, sempre nos escapa ou vai além de qualquer determinação conclusiva. E a

esta peculiar forma de ser-com-o-outro, que é a situação analítica, procura trazer de volta a indeterminação com toda sua complexidade. A análise, ao desenvolver o idioma de si, tanto do analisando quanto do analista, mutuamente implicados na comunicação inconsciente, favorece a criatividade e a liberdade mental, tornando-se elemento poderoso no caminho da cura.

NOTAS

1. O livro ainda não foi traduzido para o português. A resenha foi feita a partir do original e os trechos citados traduzidos pelo resenhador.
2. S. Freud, "O Inconsciente", Standard Edition, vol XIV.

Alan Victor Meyer é psicanalista, membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.